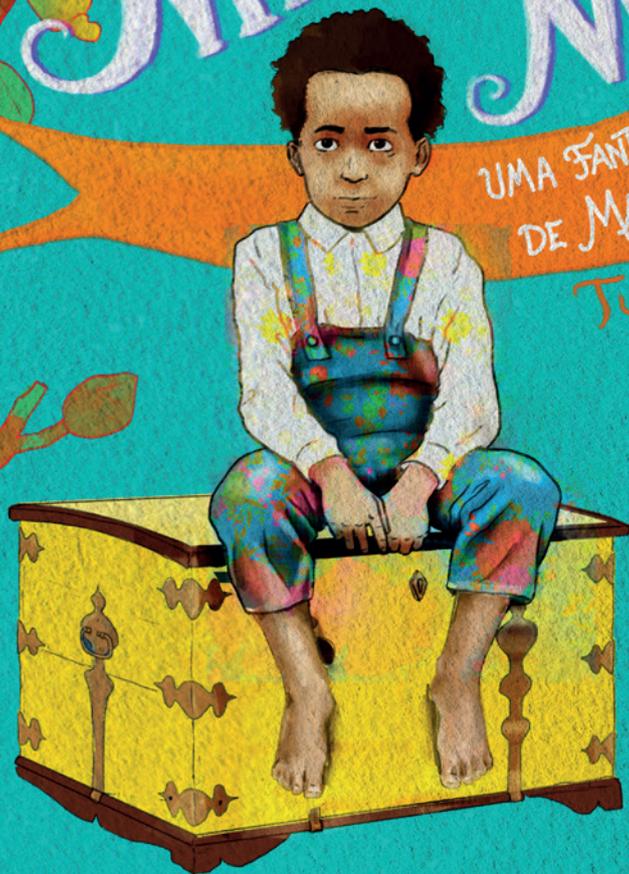


O MENINO MACHADO

UMA FANTASIA SOBRE A INFÂNCIA
DE MACHADO DE ASSIS

TULIO CARAPIÁ
ILUSTRAÇÕES



Varlen Becker

O
MENINO
MACHADO

UMA FANTASIA SOBRE A INFÂNCIA
DE MACHADO DE ASSIS

O MENINO MACHADO

Uarlen Becker

ILUSTRAÇÕES Túlio Carapiá
PROJETO GRÁFICO

CAPA Juliana Moraes

REVISÃO Anderson Shon

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Becker, Uarlen

O Menino Machado [livro eletrônico] / Uarlen
Becker; ilustrações Túlio Carapiá. -- 1. ed.--
Salvador: Ed. do Autor, 2021

PDF

ISBN 978-65-00-15495-5

1. Antirracismo 2. Dramaturgia 3. Teatro -
Literatura infantojuvenil I. Carapia, Tulio.
II. Título

21-54049

CDD-028.5

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Teatro: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Teatro: Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Apoio Financeiro:



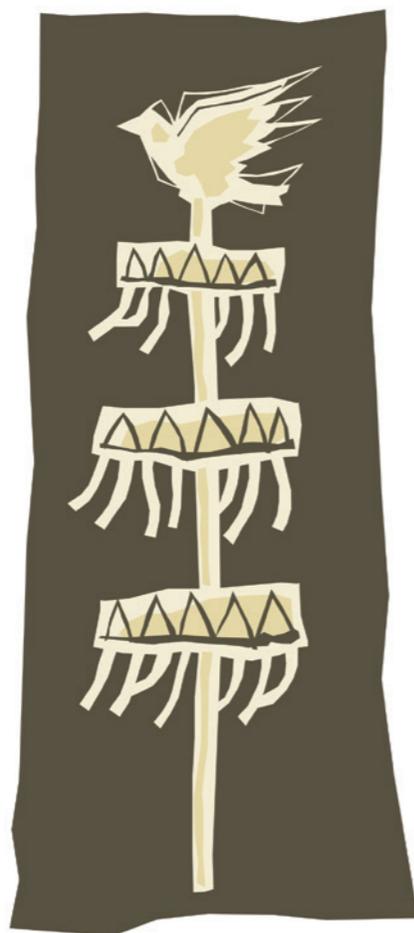
SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Copyright © 2021 by Uarlen Becker
Todos os direitos reservados
Proibida reprodução ou montagem
sem autorização do autor.



Aos de ontem e de hoje, que me
formaram e formam.
Aos que virão: essa luta por um
tempo de justiça.
Verão.
Okê!

PERSONAGENS

MACHADO

FIGURA

VENDEDOR COM BALAIO NA CABEÇA

A MÃE

QUINCAS

OBATALÁ

VAPOR BARATO

EXU





*Uma grande roda
onde as atrizes/ato-
res/personagens se
apresentam cantando
e dançando o Samba
duro do pau-brasil.*

Mon coeur
Mon coeur
Mon coeur bate por você
No pau
No pau
No pau, no pau brasil
O pau que dá em chico
Não bate no Francisco.



ATRIZ Evoé!

ATOR Evoé!

ATOR Evoé nesta terra de pretos e pardos ainda escraviza-
dos! Do fazendeiro que tudo monta e decepa, do em-
presário que lucra o sangue do empregado-cativo e
o analfabeto político que pensa que tudo sabe! Evoé!

ATRIZ Evoé nesta terra de mulheres férteis de sangue preto
que jorra aos montes na batalha diária de carne fres-
ca e barata e que ainda sonham com os diamantes e
tafetás das madames endinheiradas. Evoé!

ATOR Evoé nesta terra de exploração, de petróleo, café e
bala de chumbo que esmigalha o sonho dos pretos
e pretas; essa terra de capitães do mato de farda e
camburão; essa terra de educação opressora e me-
dieval. Evoé!

ATRIZ Evoé neste chão forjado no sangue dos pretos e pre-
tas, dos índios chacinados por espadas, das índias
estupradas por seculares e europeias picas sífilíticas.

TODOS E viva o carnaval! Evoé!



CANÇÃO DA APRESENTAÇÃO

que deve ser apresentada como uma improvisação, sob um fundo de samba duro em um clima de brincadeira entre os atores, como se fosse um ensaio de carnaval.

Meninas, meninos
Senhoras e senhores,
Meninas que são meninos
Meninos que são meninas
Meninas e meninos que nem sabem
Se são.

Essa é uma breve história
De amor e superação.
Pode ainda hoje ser você
Pode ainda hoje ser outro alguém,
Um menino pobre,
Negrinho,
Filho de pintor e lavadeira,
Que mal tinha o que vestir
E pouco de comer.

Vivia no morro tão pobre, onde o poder
Dos governantes nunca chegou.
Esgoto de boca aberta pro céu,
Casas caindo aos pedaços,
Gente que trabalha feito máquina,
Gente ainda hoje escravizada.
Mas o menino era especial,
Tinha imaginação rica,
Um olhar que tudo via.
Mas uma coisa não sabia:
Juntar as letras
E um outro mundo ver nascer!
Juntar as letras
E um outro mundo ver nascer!
Juntar as letras
E um novo mundo ver nascer!



ATRIZ Essa é a história do menino Joaquim Maria Machado de Assis, um menino cheio de sonhos e desafios pela frente.

ATOR A imaginação do menino é fértil! Tem um talento enorme e um brilho que poucos têm. Mas estamos nesta terra de ódio e rancor, de chibatas e exploração, de caju, cana, ananases, sangue e suor.

ATRIZ Como todo jovem preto de periferia, de morro, de favela, de viela, de esquina, de comunidade, seu futuro está ameaçado. O “coiso” vai entrar em seu caminho, como no caminho de toda gente que luta contra a opressão e o medo.



A roda se desfaz aos poucos. Surge um morto vivo, uma figura fantasmagórica que fala ao menino Machado.

MACHADO Quem é você?
Assustado

FIGURA Eu?

MACHADO Sim, você. Quem é você?

FIGURA Eu poderia ser você amanhã. Eu sou fruto da sua prodigiosa imaginação. Eu sou o morto insepulto, aquele que fede e todos querem esconder!

MACHADO Não estou entendendo nada. Quem quer esconder o quê? Fale português claro!

FIGURA Eu sou o que virá, o que ainda não está pronto. Vim para avisar que você escreverá minha história e dedicará o relato ao primeiro verme que comeu minha carne.

MACHADO Ah, é? E que verme é esse? A república que virá? Ou a monarquia moribunda?

FIGURA
Sorrindo
És um garoto prodígio. Só mesmo você aqui nesse morro desgraçado, nesse lugar de tamanha violência e mortes sangrentas para me tratar com tamanha galhardia e ironia sagaz. Mas não, o verme a que me refiro não é a república sangrenta que virá, nem a monarquia que jaz moribunda, apesar do nosso imperador. O verme é daqueles reais, que saem pelo nariz, surgem pela boca e cu e devoram toda a carne deixando apenas os ossos, que é no fim a vossa real aparência!

MACHADO Acho que estou sonhando acordado. Que sonho estranho. Onde já se viu? Vou acordar.
Ao público, enquanto deita no chão, tendo uma espécie de convulsão



Machado desfalece. Aparecem diversos personagens que encobrem o menino. Surge uma pequena feira.

**O VENDEDOR
COM BALAIO
NA CABEÇA**

*Cutucando Machado,
que acorda*

Ora, ora, se num é o Joaquim, o que anda fazendo por aqui, menino?

MACHADO

Já disse que prefiro ser chamado de Machado! E meu primeiro nome não é Joaquim com U! é Joaquim com O! O! de Ondina, a encantada das águas!

**O VENDEDOR
COM BALAIO
NA CABEÇA**

*Rindo, balançando
a pança*

Ah, minino, se pudesse eu passava o dia interinho ouvindo suas história. Mas cê sabe que aqui no morro a gente num tem descanso, é trabaio dia e noite. Inda tem gente qui acha que nós trabaia poco, que nós é prigiçoso!

MACHADO

O senhor não imagina que eu vi na minha frente: um morto! Ele falava comigo e pedia pra eu contar a história dele!

**O VENDEDOR
COM BALAIO
NA CABEÇA**

O que? Um morto?

MACHADO

Sim, um mortinho da Silva!

**O VENDEDOR
COM BALAIO
NA CABEÇA**

Minino, tu tá veno espírito ruim! Tu tá veno os egum! Tu precisa de uns banho de foia e uns ebó, uma reza. Vai saindo. Credeuspai!

MACHADO

Sabia que o senhor ia dizer isso! Mas eu não acredito nessas coisas! Tem muita coisa que eu ainda vô inventá quando puder ler e ser letrado.



QUINCAS Machado, Machado!

*Entrando correndo,
assustando Machado*

MACHADO Que susto, Quincas! Mas o que foi?

QUINCAS Tu num vai acreditar. Olha o que meus pé tão vestindo!

MACHADO Uma chinela? Quem te deu? Eu quero também.

Admirado

QUINCAS É uma chinela sim. Ninguém me deu, já viu arguém dá alguma coisa a gente como nós?



MACHADO Já!

QUINCAS Já? O quê?

MACHADO Chute e pontapé.

Chutando a bunda de Quincas

QUINCAS E desconfiança! Mas esse pessoá que eu conheci não é assim não, ele trata nós muito bem, dizem que se a gente fizé alguns serviço, eles leva a gente pras Europa! Eu fiz quase nada e já ganhei essa chinela!

MACHADO E o que é que a gente tem de fazer pra eles?

Desconfiado

QUINCAS
Cantando a
CANÇÃO
DO VAPORE
BARATO

Quem toma de assalto os criminosos
A sociedade, menino e menina.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
De lá do alto, do casarão
Da casa grande.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
Comanda a senzala
E move o tesouro, de ouro
E dinheiro.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
Quem faz a política do move moinho.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
Moendo a carne
Da gente pequena,
De pobre e de preto.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
De crente e ateu,
Mamãe e seu filho,
Com fome e sem lei.
(Quem comanda o jogo?) *Coro*
Quem?
Quem?
Quem?
Quem comanda o jogo?

QUINCAS Eles manda a gente levá uns pacote, Machado. Diz que é pacote com biscoito, ou que é documento dos preto que vieram escondido, quando o governo proibiu que viesse gente das África. Diz também que são bolotas de ouro. Mas dizem mesmo que é pra gente não procurá sabê o que é.



MACHADO É mesmo?
Interessado

QUINCAS É! E eu já ganhei uns tostões e essa chinela novinha.

MACHADO Mas eu não quero nada disso.
Desconfiado

QUINCAS Tu não quer ganhar dinheiro?

MACHADO Quero, mas quero ganhar dinheiro lá embaixo na cidade, no meio de gente importante, dos livros, dos jornais, eu quero aprender a ler, Quincas! Eu quero consegui lê e escrever as história minha e dos outros, eu quero uma revolução, eu quero a fantasia!

QUINCAS Ah, tu sempre foi doido mermo, desde pequeno que tu é doido, Machado. Aprendê a lê e sê importante é coisa dos branco.
Após um tempo parado, olhando o outro com desdém

MACHADO E você se acha preto, Quincas?

QUINCAS Claro que não, preto é você! Eu sou marrom, quase branco. Por isso ninguém desconfia dos pacote que eu levo...Eu vou passando... Eu vou passando... E ninguém nem olha direitinho pra mim, ainda mais vestindo a chinela...

MACHADO Você não é branco, Quincas! Você é doidinho das ideia, mas branco tu não é! E a gente pode sim! A gente pode saber ler e ser importante sim!

QUINCAS

Saindo

Vai vendo, vai pensando que tu vai sê importante, vai nessa de querê aprendê a lê que tu vai se dá de mal. Depois não diga que não avisei. Tu divia esquecê essas ideia, o bom é ganhar dinheiro, muito dinheiro! Vai vendo, Machado, vai vendo! Quando mudá de ideia me procure. Vai saindo, mas para e volta. Tenho uma novidade: eu agora moro só.

MACHADO

Mora só? Por que?

QUINCAS

Tu não ficou sabeno?

Eles se olham por um tempo, Quincas baixa a cabeça, respira fundo.

QUINCAS

Mataram meu pai mês passado, lembra?

MACHADO

É, eu lembro... Mataram ele por engano...

QUINCAS

E essa semana minha mãe foi simhora, currida. Parece que arguê importante da corte acha que ela sabe do que ela não sabe e ameaçou ela de morte. E agora eu tô é só nessa vida. Sorte a minha que achei esse home bom que me ajuda.

Os mesmos atores fazem a narração, como pano de fundo uma marcha de carnaval. A música vai crescendo, até tomar toda a cena.

Pondo uma coroa de latão na cabeça da atriz, que agora veste uma máscara do imperador Pedro II

Pondo uma coroa de latão na cabeça do ator, que agora veste uma máscara da princesa Isabel

ATOR

Essa história está só começando! O menino Machado, que sonhava ser um homem das letras, num instante, se viu ainda mais apavorado no mundo.

ATRIZ

Não só pela gente cruel, ambiciosa e egoísta, nem pela realidade que o cerca, mas pelo que há de pior por causa do ódio à sua cor de pele e classe social.

ATOR

O cerco se fecha.

ATRIZ

A roda não para de girar esmagando os corpos.

ATOR

Os amigos que tombam lá e cá.

ATRIZ

E as portas que se fecham, e os caminhos que não se cruzam.

ATOR

Para coroar esse rosário de dificuldades, uma tragédia em pleno carnaval.

ATRIZ

Durante a passagem de um bloco de samba.



Surge um bloco carnavalesco e de dentro dele, Machado e sua mãe, que traz consigo uma cesta de palha pendurada num braço e na cabeça um pequeno balaio, também de palha, apoiado em uma rodilha de pano.

A MÃE Não, meu fio, não quero que ocê venha trabaia cumigo. Ocê precisa estudá e brincar. Trabaio é coisa de gente adulta. Seu trabaio é o estudo.

MACHADO Ah, mãe, mas o que custa eu ajudar? A senhora disse que anda tão cansada e o pai anda sempre doente, passou a vida toda pintando as casas dos ricos e ganhando tão pouco... Eu queria ajudar... E aqui num tem escola...

A MÃE Ajuda me dando orgulho quando virá um dotô das letra, que é o seu sonho mais bunito. Você há de descer o morro pra subir na vida. Você, um minino negro, morador do morro, que nem sabe lê ainda, netinho de cativo, com tanta estrada pela frente. Meu fio, o bloco vem passando. A gente não pode ficar só olhando, vendo o mundo correr na nossa frente, sendo pau mandado dos que tem poder; precisamos participar, precisamos estar na frente do bloco! E eu te quero como destaque!

MACHADO Mas a senhora disse que a vida se vence com trabalho.

A MÃE Minino, não me desobedeça. Eu posso te dexá me ajudá... A lamber o tacho de doce quando eu terminar de fazer! Comigo e com seu pai num tem esse negócio de fio trabaia para ajudar nas coisa não.

MACHADO Mas eu não aguento mais ser um vale nada. Aqui não tem nada pra fazer.

A MÃE

Irritada, pegando o filho pelos braços

Vô te dizê pela última veiz: Você nunca foi e nem vai ser um vale nada, meu filho. Seus avó foram tratado como mercadoria, trabaiaram até morrer. Mas é por conta deles que você está aqui. Não pudemos esconder essa história. Antepassado se respeita e se alembra. Eu e seu pai lutamo muito pra viver. Seus avós foram cativo de corpo, mas nunca de mente. Nunca deixe que escravizem sua mente, Machado. Seus pensamento deve correr livre e não devem ser de ninguém! Veja, eu tenho um presente pra tu.

MACHADO

Caminha até a mãe, pega um pacote e abre, com pouco interesse

Ah, mãe... um livro? Onde a senhora conseguiu? Mas eu nem sei ler...

A MÃE

Foi o padre que me deu. Ocê pode tentar lê, meu fio.

MACHADO

Abre o livro, tenta ler, soletra algumas palavras. Bruscamente fecha o livro e o coloca embaixo do braço

Que besteira, onde já se viu alguém aprender a ler sozinho?

A MÃE

Tá bom. O presente tá dado. Ocê se arresorva com ele. Óia, lá vem o bloco passano. Vá pra casa. É tempo de eu vender os doce.

O bloco surge cortando a cena: um bando de fantasiados rotos, desvalidos, caras pintadas com farinha, bêbados e vagabundos. A mãe vai junto. A certa altura põe as mãos no coração e cai morta, sob o grito apavorado do menino Machado. O bloco se transforma em um cortejo fúnebre. Uma atriz atravessa o palco cantando a ave Maria ao som do ritmo ilú. Uma Yansan corta a cena acompanhando o cortejo fúnebre. O cortejo sai. Machado está num canto, sentado no chão, com a cabeça entre as pernas, chorando. Começa a ter espasmos e uma convulsão. Surge Obatalá.



OBATALÁ Machado... Machado... Machado...

*A convulsão
para aos poucos,
Machado ergue a
cabeça.*

OBATALÁ Não tenha medo, meu filho.

MACHADO Quem é você?

OBATALÁ Sou Obatalá. Sempre estive com seus antepassados, sempre estive com sua família. Estou aqui com você.

MACHADO Sai daqui, não te conheço, não quero conversa. E se você estivesse mesmo com minha família nada disso teria acontecido. Nem com a gente e nem com os que já se foram.

OBATALÁ Tudo acontece com um propósito. Até mesmo as suas escolhas. Mas tem coisas que fogem ao nosso controle. Por isso a luta é grande! Tantas e tantas vezes estive ao lado de seu pai... Tantas vezes iluminei sua mente para que não pensasse bobagens...Tantas vezes segurei o balaio com doces para aliviar a cabeça de sua mãe...

MACHADO Minha mãe... Minha mãe não está mais comigo! Caiu morta no bloco de carnaval. Meu pai está doente de tanto pintar parede dos ricos. E eu tô perdido!

OBATALÁ Eu sei. Eu sei de tudo, Machado.



MACHADO Se sabe, então por que não evitou esse mal todo?

OBATALÁ Porque não podemos interferir na vida de vocês dessa maneira. Mas agora que tu já passou por algumas coisas na vida e sabe muito bem o que quer dela, posso dizer que seu futuro será de alegrias, e seu caminho, seu destino, seu odú é de luta e glória. Seus olhos verão e colocarão nos livros o que ninguém nunca viu.

MACHADO Mas como, se não sei ler?

OBATALÁ Você sabe. Você lê a vida, lê os caminhos, lê os olhos das pessoas. Todo mundo tem um talento. Basta saber usar.

MACHADO Mas como? Como vou ser alguém na vida, como vou aprender a ler se aqui nem escola existe? Como vou trabalhar e viver lá embaixo na cidade, como vou viver entre a gente que trabalha nos jornais, nas bibliotecas, que escreve os livros? Aqui só tem dificuldade, os caminhos fechados...

OBATALÁ Seja paciente e não saia da estrada. Não deixe que nada te desvie de seu caminho. Não se deixe seduzir pela vida fácil que vai te colocar debaixo da terra mais cedo do que imagina. Tem muita gente matando e se matando, porque saiu do caminho. Tem muita gente triste andando sobre a terra, porque seus filhos partiram cedo demais. Você não será assim.

MACHADO Não quero ser assim, não quero ser como meu amigo Quincas, que trabalha pro Vapor Barato. Todo mundo que trabalhou pra ele se deu de mal.

OBATALÁ Você não deve dar ouvidos, nem olhar para esse tipo de gente. Vou enviar o consolador para você. Porque não poderei ficar todo tempo. Ele vai te ajudar nos caminhos. Ele fala todas as línguas, como de tudo, é sagaz, astuto e só exige lealdade. Será teu amigo. Não saia do seu caminho, Machado, não saia!

Obatalá põe uma das mãos sobre a cabeça de Machado, que treme e cai desacordado. Transição entre as cenas: um pequeno bloco fazendo um coro corta o palco com uma música incompreensível. Surge uma figura imponente: o Vapor Barato. Ele usa uma bengala e uma capa, uma mistura de altivez e vulgaridade. Bate a bengala no chão para acordar Machado, que se assusta.

MACHADO Quem é você? (Após um tempo, se assusta.) Você é quem eu tô pensando?

VAPOR BARATO Não sei. Pode ser. Tudo pode e tudo não pode ser nessa vida. (Um tempo, retira a capa e entrega a um dos serviçais.) Olha o que eu trouxe pra você.

MACHADO *Eufórico* Uma sandália de couro novinha! Era tudo que eu mais queria! (Se detém, desconfiado.) Mas como você sabia que eu queria uma sandália de couro novinha?

VAPOR BARATO Tenho meus informantes, que não são poucos e são muito fiéis. Eu mesmo sou informante de gente muito, mas muito maior que eu!

MACHADO Seu nome é mesmo Vapor Barato?

VAPOR BARATO Não. Meu nome é qualquer coisa de insignificante. Não tem importância no contexto. Me chamam de Vapor Barato por causa do navio a vapor que eu comando. Sou de família humilde e cresci no meio de gente grande. Gente grande mesmo, muito mais importante do que eu e toda a gente do morro e até mesmo de toda a cidade. É gente poderosa, gente que tem o poder para mudar as coisas.



MACHADO E por que não mudam?

VAPOR BAIATO Porque para eles isso tudo aqui é motivo para lucro. As terras, as gentes, as árvores, o que há sobre elas e embaixo delas. Essa é uma colônia pra ser explorada. Desde o pau brasil, ao ouro, o café, o leite, futuramente o ferro e o petróleo e principalmente esse povo abestalhado que em tudo acredita. A manutenção da miséria e das ilusões é o segredo! Mas há uma maneira de você escapar disso tudo.

MACHADO Qual?
Interessado

VAPOR BAIATO Deixando tudo para trás e me seguindo. Prometo lhe dar tudo, tudo mesmo se você me seguir. Para que morrer trabalhando? Seguindo o caminho mais difícil? Existe um atalho.

MACHADO E quem criou esse atalho, os homens que comandam o jogo?

VAPOR BAIATO Pode apostar que sim. A mão invisível deles sabe regular todas as coisas.

MACHADO Prefiro seguir meus sonhos, não quero me desviar deles.

VAPOR BAIATO

Ah, não seja tolo. Sonhos são para os fracos, os atrasados, os perdidos no tempo. No futuro, tudo aqui será como ainda é. Muita pouca coisa mudará de fato, e o que mudará vai ser para dar a impressão de que muito mudou, que muito se fez, mas os seus iguais serão ainda assim tratados como lixo, dormindo em berço esplêndido, sendo mortos diariamente como se mata uma formiga. O latifúndio, a legislação em causa própria, os negócios escusos das grandes famílias vão fazer os pobres e os de sua cor entenderem que são pequenos, que são uma ofensa para o mundo. Que não são nada. Iremos calar as suas vozes e elas nunca terão importância. Vamos dar a impressão de que tudo está em paz e em ordem. E qualquer levante, qualquer sonho de revolução será entendido pelos seus, por sua gente, como um horror, como uma rebeldia sem sentido, como o terror! A imprensa venal se encarregará de noticiar a mesma informação, a que interessa aos nossos negócios!

MACHADO Aos seus também? Ou só aos deles? Você se vê como branco, né? Acha que eles te aceitaram no clubinho deles?

VAPOR BAIATO

Tenho uma alma branca; um mestiço com alma branca; fui aceito como o orgulho da raça. Como uma inteligência notável! Cumpro meu papel na sociedade. Cresci mais depressa que os seus sonhos e ilusões. Permaneça abraçado a eles e terá uma vida de amarguras e tristezas.

MACHADO
Preocupado

E é? Mais ainda? Porque é assim que eu me sinto muitas vezes: o gosto da amargura nos olhos, vendo meu pai trabalhar tanto, minha mãe que morreu lavando roupa e vendendo doces e nem uma casa a gente tem ainda, vivemos de favor.

VAPOR BARATO

Que comovente... Pois então, por que não mudar essa realidade?

MACHADO

Quincas me falou de você.

VAPOR BARATO

Quincas? Deixa eu ver...

Retira do bolso um rolo de papel que se desenrola pelo palco.

Ah, sim... Quincas! Infelizmente esse garoto está morto.

MACHADO

Quincas tá morto?

Assustado

VAPOR BARATO

Sim. Agiu mal, deu um passo em falso, saiu dos nossos planos. Ele queria uma liberdade que não existe e acabou perecendo por conta de sua desobediência. Sem querer (Dissimulado) caiu do vapor. Precisei prestar conta aos parlamentares do negócio. Venha. Vamos, não tenha medo. Entre para o nosso time de colaboradores, não fique amargurado, não seja tão pobre de espírito. Não sofra!

Música. Transição de cena. Surge Exu e seu séquito por trás de Vapor Barato, que durante uma música exuberante, desaparece.



MACHADO

Assustado, fala para o público e depois para Exu

EXU

Rindo

Sou o mensageiro, o dos caminhos, o que come de tudo e fala todas as línguas. Ninguém vem ao pai senão através da minha pessoa. Sou aquele que desata os nós e aplica a justiça, aquele que mata um pássaro ontem com o tiro de hoje. Sou o movimento, o big-bang, a boca que tudo engole, o motor que gera os movimentos. Comigo não existe o talvez. Sou o sim no não e o não no sim.

MACHADO

Com desdém

EXU

Gargalhando

Eu não quero nada de você. Vim trazer a ajuda prometida pelo velho que é seu guia, seu anjo de guarda, dono e senhor de seu ori. Somos fiéis escudeiros de seus antepassados e dos que virão. Sentimos suas dores nos navios que os trouxeram de nossa terra. Lutamos para fazer disso aqui a terra que jorra leite, azeite e mel, para fazer dessa terra a vossa nova morada!

MACHADO

Assustado, fala para o público e depois para Exu

Pelo visto não deu muito certo. A gente vive nessa miséria. Eu tô quase aceitando o convite do Vapor Barato. A gente aqui vive na fome, de pés descalço, sem saúde, sem escola, eu invejo os menino rico, eu invejo quem come bem. Acho que Deus nunca olhou pra nós.

EXU Não diga isso, seu moço. Não pense essas coisas! Olorun é sábio! Ele deu muitos caminhos. Não se desvie do seu. Olha lá. (Pega Machado pela cabeça, como num transe) Olha lá longe. Está vendo? Uma procissão. O padre segue cansado; mas firme e determinado. Deus mora na determinação dele, Deus abre os seus caminhos. Os dele e os seus. Para Ele não existe tempo ruim. Ele não escolhe esse ou aquele. Todas são escolhidas! Olha lá do outro lado: veja quanta gente miserável.

MACHADO Né não! É tudo gente rica.

EXU É tudo gente pobre de grandes e podres poderes. Não aceitam o novo, por dentro é só podridão debaixo da casca repintada. Funcionários das repartições viciadas, políticos velhacos que só legislam para si e religiosos enriquecendo em seus templos. Havemos de queimá-los no fogo divino que queima a carne e a alma.

Canta o
**RÉP DO
FOGO
DIVINO**

Queima!
Queima!
Queima!
Queima em nome do divino
Queima em nome do prazer!
Queima!
Queima!
Queima!
Queima o bonde do atraso
E os vermes do regresso.
Queima!
Queima!
Queima!



EXU Machado, o que você quer?

O menino fica em silêncio

Machado, o que você quer?

MACHADO Eu...Eu... Eu quero aprender a ler e escrevê e ser um doutor das letras.

EXU Grite bem alto, fale em minha cara, em bom e alto som! Bote sangue nos olhos, Machado!

MACHADO Eu quero aprender a ler e escrevê ser um doutor das letras!

Gritando na cara de Exu

EXU Invoco Obi e o Orobô

Rindo e cantando uma música que nem eu entendo direito. O grupo que acompanha Exu forma uma coreografia encobrindo Machado.

O jogo da vida
Contra a mendaz democracia
E o fajuto direito
Contra a constituinte dos falsos profetas
E contra os ladrões do templo.
Invoco a justiça e o segredo gigantesco
Pela sabedoria e pela paz.
Epá babá!
Aláfia!

Machado surge no meio do palco com um livro nas mãos.

EXU Menino Machado, o que está escrito aí?

Com medo, Machado abre o livro e começa a soletrar com dificuldade; aos poucos percebe que sabe ler e se empolga, encantado com o que está acontecendo, lendo cada vez mais alto e com mais brilho.



MACHADO Pois a nossa vocação não é o hot dog
empoeirado com
Ketchup e mostarda
Nem o ouro de tolo da Europa desencantada
Ou o encanto vão dos estrangeiros.
Nossa vocação é o samba e a exuberância,
É a luta e a lida, é a revolução e o não-silêncio
É a rapadura, o milho, a cachaça,
O samba e o forró
É nossa vocação a terra fértil e o ouro
O amarelo e o negro.
Trabalhadoras e trabalhadores
Os que suam a testa
E os que lavram a terra que é nossa
Por direito!
Latinos
Latinamérica
Latinamericanas
Do sul, no centro, do norte.
Do calor, do vatapá e dendê
Dos pampas e dos lençóis
Do Solimões e Francisco
Cuscuz, mandioca e tapioca
A oca
O oco.
É tudo nosso,
É nosso o brilho e fulgor
A bananeira e a Guanabara
Todos os santos Jesus e o candomblé,
O caipira e o jeca, as veredas e o sertão,



MACHADO Amazonas e caatinga
Pantanal, inverno e verão.
Nossa Senhora, umbanda, caboclos, juremas
e juremeiros,
Encantados, Ifá e ebó.
Ode ao lobo guará e cobra Norato,
Viva a lara e a onça!
Viva o guaraná e o melão caboclo
Viva nossas heroínas e heróis!
Axé
Laroiê!

EXU Você sabia de tudo, Machado.

MACHADO Mas eu não sabia que sabia!

EXU Vocês sabem de tudo, mas não sabem que sabem. Nós sabemos! E estamos aqui para mostrar que vocês tem tanto medo que lutam por tão pouco. Não tenha medo, Machado. Nem de sonhar, nem correr, nem de andar, nem de fazer. Nem da revolução. Bote pimenta nos olhos, pimenta na língua, pimenta nos pés. E a água que apaga o fogo segure firme em suas mãos. Vocês são fogo e água. O raio e o caramujo. Vocês são o “talvez” que dá brilho ao que vocês são. Vocês são a mistura. Não fuja, Machado. Olhe nos olhos, olhe nos olhos de fogo e água!

Exu começa a cantar um samba de roda. Aos poucos os atores e atrizes entram em cena cantando e formando um bloco de carnaval. Do meio dele surge uma atriz ou um ator. O bloco congela.

**ATRIZ
ATOR**

E o menino Machado seguiu seu destino. Seu destino trágico, dramático, alegre, fantasioso, feliz e surpreendente, como muitos seguiram e devem seguir. Aprendeu a ler sozinho, foi para a cidade e se tornou um doutor das letras. Maior escritor nessa terra não existe. A última flor do Lácio. O traço negro da latinoamérica. Como disse um mestre: cada qual cuide de seu destino. Impossível não há!

O bloco volta a cantar e dançar até sair de cena.

As luzes não se apagam.

FIM



DE COMO PROTEGER DO RACISMO O MENINO QUE HÁ EM NÓS

A obra “O Menino Machado”, do inventivo e comprometido Uarlen Becker, um inquieto artista de teatro, se associa aos esforços contemporâneos em recontar a história da formação cultural do Brasil, completando as graves lacunas impostas pelo racismo.

O reconhecimento da negritude de um dos mais elogiados escritores da língua portuguesa oferece às novas gerações um referencial de talento intelectual cuja imagem desvia dos padrões eurocêntricos entronizados pelas elites brasileiras. Trata-se de um homem de cor, como eram chamados os que não tinham a pele clara, um escritor consciente dos problemas do seu tempo e que desde a infância já demonstrava não aceitar os limites impostos pelo preconceito.

Na era dos tombamentos nas redes sociais, é interessante conhecer um pouco das estratégias utilizadas por um literato mestiço para afrontar o conservadorismo de um Brasil ainda mais preconceituoso do que o que vivemos hoje.

Para os jovens que militam na internet e para os que desfrutam das conquistas da militância vale a pena saber que já foi mais difícil e que meninos, como Machado, conseguiram.

Machado de Assis fez da sua inteligência um brado de inconformismo e de denúncia, utilizou a ironia para forçar a reflexão de um país que ainda hoje resiste em se olhar no espelho.

Uma história de resistência que Uarlen, talentoso escritor, dramaturgo e poeta, nos apresenta de forma leve, na linguagem dos palcos, com diálogos precisos que nos convidam a conversar com o personagem e nos envolvem no espírito desafiador e curioso da infância, cheio de esperança.

Que as novas gerações, especialmente os meninos e meninas de pele preta, conheçam mais referências para se orgulharem e para acreditarem que é possível. Uma oportunidade para reconhecermos as potencialidades do menino que há em todos nós.

André Santana
é jornalista

ORELHA

Em linguagem teatral Uarlen Becker faz - como a maioria dos conhecedores da literatura universal atual - a mistura de realidade e ficção, narração e reflexão com a história do Menino Machado e do seu sonho de aprender a ler e escrever, imaginando que um dia viria a ser doutor das Letras brasileiras, e, assim, se colocar entre os principais autores brasileiros e internacionais da literatura mundial. É uma narrativa única sobre Machado. Supõe o autor da peça, que era assim que Machado gostava se ser chamado. Uarlen cria criaturas imaginárias, o que enriquece, e muito, a sua narrativa. Alguns desses personagens se misturam com outros que também aparecem na obra machadiana e com personagens do imaginário popular afro-brasileiro.

Não acho que a narrativa de Uarlen em O Menino Machado tenha forma dramática usada pelo teatro clássico, mas também não é nada lírico, pois a narrativa central é sobre o fato de o personagem principal do texto ser um menino pobre nascido em um dos inúmeros morros cariocas, filho de família humilde. Também dizer apenas como dizem quase todos dos seus biógrafos que Machado era uma criança pobre porque nasceu no Morro do Livramento, um dos inúmeros morros cariocas, é pura redundância, porque os ricos ou a classe média cariocas não nascem nem moram no morro, às vezes vão apenas visita-lo para apreciar a paisagem da bela cidade do Rio de Janeiro.

Sobre a infância e adolescência de Machado, Uarlen cria situações fantásticas que - até onde eu saiba - não existem em nenhum outro autor que escreveu sobre o personagem. São ricas aparições de personagens populares do nosso cotidiano fundado, em parte, na cultura afro-brasileira. Esses personagens enriquecem muito a nossa cultura popular, mas hoje, com o domínio humano de novas tecnologias de comunicação e informação, quando não percebidas criticamente, alienam as pessoas das mais diferentes faixas etárias, especialmente a infanto-juvenil, que é levada a crer, - de maneira cretina - que Machado de Assis e outros autores da literatura brasileira não devem mais ser discutidos/lidos em salas de aulas. E é por essas e dezenas de outras razões ser de grande importância a leitura e representação do texto do Uarlen Becker por crianças, adolescentes, jovens de comunidades, alunos e professores das redes de educação do país, enfim, pela população em geral.

Geraldo Prado

*Graduado em História, Mestre e PhD em Ciências Sociais Aplicadas;
professor aposentado do IBICT/UFRJ e fundador/curador da Biblioteca
Comunitária do Paiajá, Nova Soure - Ba.*



UARLEN BECKER

Natural de Salvador, Bahia, é escritor e artista de teatro, onde atua como diretor, ator e dramaturgo. Escreve desde os 15 anos. Publicou 07 livros, entre contos, poemas e textos para teatro. Alguns foram encenados, adaptados para teatro e cinema. Sua paixão pela arte e pela leitura vem desde a infância, com histórias em quadrinhos, jornais e revistas semanais que lia na barbearia de seu pai. De família cristã, uma das suas primeiras leituras foram os textos da Bíblia.

As primeiras grandes obras da literatura brasileira que leu foi aos 12 anos: um conto de Lima Barreto (“Um músico extraordinário”) e no mesmo dia um outro conto, de Machado de Assis (“O alienista”). Uarlen conta que foi um assombro. Não parou mais de ler. Nem de escrever.

Segundo o autor, “apesar das dificuldades impostas a nós artistas pelo projeto político secular implantado no Brasil em manter o povo sem acesso à cultura, educação, arte, comida e dignidade, é gratificante estar aqui produzindo essa eterna contradição que é ser um artista latino-americano e labutando com o que transcende. Axé”.



